

### **Moustapha Safouan: breve ensaio biográfico**

*Macla Ribeiro Nunes\**  
*Arthur Teixeira Pereira\*\**

**RESUMO:** Neste artigo pretendemos apresentar e refletir sobre as principais contribuições do psicanalista egípcio Moustapha Safouan para o campo psicanalítico. Seguidor do ensino de Jacques Lacan desde o início de seus seminários, Safouan é autor de uma sólida contribuição para a psicanálise e tradutor de Freud, La Boétie e Shakespeare para o árabe. Desde que escolhe Lacan como supervisor, permanece um de seus leais discípulos. A vasta experiência advinda de seu itinerário clínico, teórico e institucional lhe permite ser autor de uma obra cuja relevância se destaca no movimento psicanalítico francês e internacional.

**Palavras-chave:** MOUSTAPHA SAFOUAN; MOVIMENTO PSICANALÍTICO; CONTRIBUIÇÕES; PSICANÁLISE.

### **Moustapha Safouan: brief biographical essay**

**ABSTRACT:** In this paper we aim to present and reflect on the main contributions of the Egyptian psychoanalyst Moustapha Safouan to psychoanalysis. Being a follower of Jacques Lacan's teachings since the beginning of his seminars, he's the author of a solid contribution to psychoanalysis and a translator of Freud, La Boétie and Shakespeare to the Arabic language. Having chosen Lacan as his supervisor, he becomes one of his loyal disciples. The wide experience arising from his clinical, theoretical and institutional journey allows him to be the author of a body of work whose relevance stands out among the French and international psychoanalytic movement.

**Keywords:** MOUSTAPHA SAFOUAN; PSYCHOANALYTIC MOVEMENT; CONTRIBUTIONS; PSYCHOANALYSIS.

### **Moustapha Safouan: breve ensayo biográfico**

**RESUMEN:** En este artículo pretendemos presentar y reflexionar sobre las principales contribuciones del psicoanalista egipcio Moustapha Safouan al campo psicoanalítico. Seguidor de la enseñanza de Jacques Lacan desde el inicio de sus seminarios, Safouan es autor de una sólida contribución al psicoanálisis y traductor de Freud, La Boétie y Shakespeare al árabe.

---

\* Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/UERJ). Mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Graduada em Música Sacra e Psicologia. Psicóloga/Psicanalista na Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-4082-2661>

E-mail: [macla.nunes@unirio.br](mailto:macla.nunes@unirio.br)

\*\* Professor Substituto do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP-UERJ). Professor Auxiliar do curso de graduação em Psicologia da Universidade Augusto Motta (UNISUAM). Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/UERJ). Mestre em Psicologia Social (PPGPS/UERJ). Graduado em Psicologia (UERJ). Membro Associado do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-9752-5580>

E-mail: [arthurtp11.2009@gmail.com](mailto:arthurtp11.2009@gmail.com)

Desde que eligió a Lacan como su supervisor, se ha convertido en uno de sus fieles discípulos. La vasta experiencia de su carrera clínica, teórica e institucional le ha permitido ser autor de una obra cuya relevancia destaca en el movimiento psicoanalítico francés e internacional.

**Palabras clave:** MOUSTAPHA SAFOUAN; MOVIMIENTO PSICOANALÍTICO; CONTRIBUCIONES; PSICOANÁLISIS.

*“O que sei é que o discurso analítico não pode ser sustentado por um só. Tenho a sorte de haver quem me siga. O discurso, portanto, tem aí sua chance.”*

*(Jacques Lacan, Televisão, 1973)*



Moustapha Safouan (1921-2020)

Moustapha Safouan nasceu em Alexandria, Egito, em 17 de maio de 1921. Sua mãe era uma mulher cuja trajetória representava a da maioria das mulheres do mundo egípcio e árabe, criadas para se dedicarem exclusivamente aos cuidados do lar. Seu pai ensinava retórica, militava contra o analfabetismo e foi o primeiro secretário do primeiro sindicato operário egípcio. Chegou a ser preso, em 1924, por causa de suas atividades políticas e ideias comunistas - acontecimento que marcou sua infância no Egito, conforme declara o próprio psicanalista em uma entrevista concedida ao historiador e escritor Gérard D. Khoury (2008).

Na adolescência, desejava ir para Cambridge, mas realizou seus primeiros estudos universitários de filosofia em Alexandria. Ao mesmo tempo, dedicava-se ao estudo de grego, latim, francês, inglês e árabe clássico. Logo após seu encontro com o ensino de Jacques Lacan, Safouan empreendeu, durante cinco anos, a tradução da obra inaugural da psicanálise - *A interpretação dos sonhos* - para o árabe. Mais tarde, também traduziu La Boétie e Shakespeare - publicados em 1990 e 1998 respectivamente, no Egito. No Brasil, além de ter a maioria de suas obras traduzidas e publicadas, o psicanalista egípcio conquistou amigos, leitores atentos e realizou seminários e conferências - no Rio de Janeiro, no ano de 1981, e em São Paulo, em agosto de 1983. Esteve também em Salvador, por mais de uma vez, a convite da psicanalista Urania Tourinho Peres.

### **Formação Analítica**

*Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Ano XVII, no.2. p. 48-58.

A historiadora francesa Elisabeth Roudinesco (2020) relata que o encontro de Safouan com a obra freudiana aconteceu em 1940 através do ensino do psicanalista egípcio Moustapha Ziwar. Filósofo, médico e psicólogo, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), Ziwar também cumpriu um papel importante na transmissão da psicanálise. Traduziu obras de Freud para o árabe, realizou sua análise com René Laforgue (1894-1962) em Paris e foi o primeiro membro árabe do Instituto de Psicanálise de Paris. Ele aconselhou Safouan a buscar formação analítica na França. Partindo nessa direção, Safouan inicia sua análise em abril de 1946 com Marc Schlumberger - analista didata da SPP, cuja “sensibilidade da língua” ele costumava elogiar dizendo que, para sua felicidade, Schlumberger exercia a análise mais como filólogo que como psicólogo:

[...] Ele sabia assinalar um equívoco, explicitar uma ambiguidade, interpelar um duplo sentido, suspender uma certeza, e sua interpretação dos sonhos consistia em lê-los como rébus. [...] O certo é que minha análise pessoal preparou-me bem para receber o ensino de Lacan – que escolhi como analista didata por razões diversas, sendo a principal a importância que ele dava à função ‘normatizante’ do pai, em seu famoso artigo sobre os complexos familiares<sup>1</sup> (Safouan, 2006, pp. 7-8).

Em *Psicanálise: ciência, terapia - e causa* (publicado em 2013 e recentemente traduzido e publicado no Brasil pela editora 7Letras), Safouan (2013/2023) afirma que Schlumberger apresentava um gosto literário evidente, em especial por Joyce. Foi através de sua biblioteca que o psicanalista egípcio teve contato com outros autores, como Raymond Queneau, Marcel Jouhandeau, Maurice Blanchot, Michel Leiris etc, todos pertencentes ao campo da arte e da literatura.

Ele declara ter aprendido lições valiosas em sua análise com Schlumberger. Dentre tantas, a importância do testemunho da língua no tratamento psicanalítico e a constatação de que a interpretação que o psicanalista pode atribuir a um determinado símbolo não tem mais valor que sua interpretação contrária. Tal observação lhe permitiu notar que a fantasia encontra sua satisfação, por vezes, “mais na interpretação que o analisando faz do material” do que no material em si mesmo (Safouan, 2013/2023, p. 254).

O psicanalista sublinha que a questão da linguagem despertava sua atenção antes mesmo de iniciar sua formação em psicanálise e de ter contato com o ensino de Lacan. Em *A psicanálise: ciência, terapia - e causa*, ele destaca que os jogos de palavras compunham significativamente a cultura da sociedade egípcia nos anos 1920 e 1930. Ele se debruçará sobre o estudo da linguagem ao iniciar o curso de Filosofia, na Universidade de Alexandria, e é nesse período que tem contato mais próximo com Ziwar, que tinha como livro favorito *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* - obra freudiana na qual se encontra sistematizada a noção de ato falho, que engloba os lapsos da palavra. Safouan (2013/2023) descreve ter ficado boquiaberto com os equívocos da linguagem, citando um exemplo mencionado por Ziwar, que dizia respeito a “uma mulher jovem que não encontrava mais o nome do país onde tinha passado a lua de mel quando queria falar dela. Esse país era a Bósnia, palavra em que um ouvido arabo-egípcio escuta o convite a um beijo” (p. 251).

Safouan (2013/2023) interrompe a análise com Schlumberger após um período de três anos, por dar-se conta de uma sensação “de que continuá-la não o levaria mais longe” (p. 255). Ao fim de uma sessão, perguntou ao analista o que o pai se tornava ao fim de uma análise, ao que Schlumberger prontamente respondeu com uma metáfora que, para Safouan, havia sido expeditiva, marcando sua dissolução. Ele ressalta que esse foi um momento decisivo para sua formação:

Talvez a entendesse [a metáfora de Schlumberger] no sentido de que ele não exercia mais seus efeitos ameaçadores e superegóticos. O fato é que essa resposta me pareceu “descomplexada” demais para que me contentasse com ela. Sem ter meios para julgar se essa ideia é verdadeira ou falsa, me parece às vezes que escolhi a profissão analítica, com tudo o que ela implicava de mudança do curso de minha vida, porque tomei então a meu encargo encontrar a resposta para essa mesma pergunta (Safouan, 2013/2023, p. 255).

Tal busca foi empreendida. Alain Didier-Weill (2007) observa que, entre os anos de 1951 e 1953, a fala de Lacan soou primeiramente junto a um pequeno número de psicanalistas. A estes, inclusive, caberia o mérito de ter reconhecido essa fala antes que ela ressoasse para um público mais amplo, heterogêneo e fosse difundida pelos meios de comunicação. Ele denomina esses psicanalistas como os primeiros “passadores” de Lacan (Didier-Weill, 2007, p. 9), e entre eles estava Moustapha Safouan - que encontrou o psicanalista francês após conversas com Sacha Nacht (1901-1977), Maurice Bouvet (1911-1960) e Marie Bonaparte (1882-1962).

A escolha do psicanalista egípcio por Lacan como supervisor e acurados depoimentos a respeito de conflitos que se passaram no movimento lacaniano são comentados de maneira consistente em três obras: a já citada *Psicanálise: ciência, terapia - e causa* (2013), *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários* (2007), coletânea de artigos organizada em parceria com Alain Didier-Weill, e *Quartier Lacan* (2001), organizada por este último, trabalho que reúne testemunhos de treze psicanalistas de origens muito diferentes que foram membros do círculo mais próximo de Lacan, quase todos em tratamento ou em supervisão no divã da rua de Lille n. 5:

Na época em que comecei a trabalhar com Lacan, como analista em supervisão, eu não entendia estritamente nada do que acontecia numa análise. Tanto que pensava seriamente em abandonar a psicanálise. Eu pensava que podia encontrar outras coisas para fazer... A psicanálise, então, era entendida ou através da psicologia das profundezas, exceto que essa profundidade se tornara toda superfície, considerando que as fantasias – de sedução, mortíferas, canibais – apareciam nas páginas de qualquer livro, ou por uma psicologia do comportamento que se deixava guiar por conceitos experimentados em laboratório, por exemplo a sequência ‘frustração, agressão, regressão’ observada nos ratos. Em relação a tudo isso, que era muito pouco convincente, encontro Lacan, que diz: ‘A psicanálise é uma experiência de discurso’. Então, comecei a fazer algo que se chama escutar (Didier-Weill, Weiss, & Gravas, 2001/2007, p. 82).

Tal desejo decidido de escuta anima seu percurso e ilumina um dos traços particulares de suas elaborações teóricas: a atenção constante à experiência clínica. Em *Trabalhando com Lacan*, Safouan (2007/2009) reflete sobre a distinção lacaniana entre a psicanálise terapêutica e a psicanálise didática a partir de observações relativas a duas análises que considerou como fracassadas e remontavam a mais de trinta anos na data em que o artigo foi escrito. Esboçando as circunstâncias que cercaram esses fracassos, o psicanalista define o que entende por rigor da ética analítica e conclui que a distinção entre didática e terapêutica, na verdade, não corresponde a nada.

Dentre as observações sobre o fecundo processo de trabalho com Lacan, encontramos a crítica aguda contra o fato de que a análise havia se institucionalizado em torno da ideia de que o saber teórico fazia do analista um notável, que tinha seu lugar ao lado dos juizes, advogados, professores, etc. Safouan afirma que o próprio modo de prática de Lacan abalava a pretensão de todo saber prévio do psicanalista sobre o sujeito que está diante dele, o que mostrava que o sujeito do inconsciente nunca está numa relação de superioridade ou de inferioridade, mas unicamente de diferença. Nas palavras de Safouan: “A psicanálise não se define por um saber, mas por um desejo” (como citado por Didier-Weill, Weiss, & Gravas, 2001/2007, p. 83).

Destacando ainda o método particular de Lacan como supervisor, Safouan (1993) afirma que, para além de aprender como conduzir corretamente uma análise, se colocava em jogo no

processo o desejo de aprender não o que se deveria fazer, mas o que se fazia. É nesse sentido que ele afirma que sua formação foi, sem que ele mesmo soubesse, “uma lição sobre o desejo do analista” (Safouan, 2013/2023, p. 257). Segundo ele, as questões “idiotas” eram endereçadas a Lacan: “Mas, senhor, este jovem [do qual Safouan se ocupava no momento] vem ver-me três ou quatro vezes por semana, conta-me histórias que não acabam mais, paga-me e se vai. O que tenho para lhe dar em troca?”. Lacan responde: “Ora, seu silêncio!”. “Depois de uma tal resposta, não se é mais o mesmo de antes”, diz Safouan (1993, p. 9).

O título *A palavra ou a morte: como é possível uma sociedade humana?* - obra publicada pela primeira vez na França, em 1993, e no mesmo ano no Brasil pela editora Papirus - é definido pelo psicanalista como fruto de uma resposta que ouviu de Lacan quarenta anos antes que o livro fosse escrito:

[...] Foi nessa linha que coloquei a Lacan essa questão, cujos termos lembro-me muito bem, embora tenha esquecido o ‘material’, quero dizer, a ocasião que me conduziu a colocá-la: ‘Mas, onde está o pai em tudo isso?’ Resposta: ‘Ora, é ele que mantém o equilíbrio entre vocês dois’ e, para não deixar nenhuma ambiguidade sobre o que queria dizer, acrescentou imediatamente: ‘Pois entre dois sujeitos, só há a palavra ou a morte’ (Safouan, 1993, p. 9).

A palavra ou a morte, “a salvação ou a lápide”, Safouan acrescentará (1993, p. 53). Neste trabalho, adverte ainda quão desastrosamente arriscamos responder às questões: “O que constitui a unidade de uma sociedade?” e “O que faz com que, apesar dessa unidade fora da qual a vida humana não parece ser possível, vivamos ainda assim sozinhos?”, quando tentamos respondê-las apelando apenas para os sacrifícios que a sociedade impõe ao indivíduo e os recalques que ela dita.

### Releituras

Fiel ao pensamento freudiano, Safouan acompanha Lacan no movimento de retorno a Freud dedicando-se à análise crítica e minuciosa das conceituações lacanianas tributárias da noção fundamental de que o inconsciente é estruturado como linguagem. *Estruturalismo e psicanálise* (1968), publicado na coleção “Que é o estruturalismo?” da editora Cultrix, e *Estudos sobre o Édipo* (1979), seus escritos iniciais, são exemplos desse esforço. Nesse último, como aponta o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge (2020), Safouan apresenta um dos primeiros estudos psicanalíticos de orientação lacaniana sobre a transexualidade, questão que vem sendo explorada e interrogada por Jorge e Natália Pereira Travassos<sup>2</sup>.

Inscrevendo-se na continuidade do pensamento lacaniano, a obra de Safouan orienta-se pela finalidade de precisar indicações freudianas sem se abster, por vezes, de lhes fazer retificações. Em *O inconsciente e seu escriba* (1987), investiga a *Traumdeutung* mostrando a identidade efetiva dos mecanismos que determinam a significação do chiste e do sonho. Dessa forma, a retomada da proposição lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem lhe dá oportunidade de insistir no fato de que o sentido do sonho ou do chiste não é dado de antemão, “mas é *a posteriori* que o sentido vem se colocar sob a palavra” (Safouan, 1987, p. 85).

Assim, assevera que a interpretação de um sonho é a sua própria significação, isto é, a *Deutung* é tanto a interpretação do texto quanto sua significância. Ele exemplifica a questão pontuando que não se ‘interpreta’ um sonho como também não se interpreta um chiste:

É no chiste que fazemos a experiência, de modo mais espantoso, da surpresa que suscita o significante inesperado. Ela é a marca da relação entre o chiste e o inconsciente como da autonomia do significante enquanto escapa à mestria do discurso intencional. Seu caráter de ‘achado’ mostra suficientemente o defeito de uma definição que não quer dar à metáfora outros

sentidos que aquele de um desvio *consciente* do uso literal da palavra-símbolo (Safouan, 1987, p. 20).

Ainda nessa obra, aprofunda estudos a respeito da teoria do simbolismo na psicanálise criticando as concepções da metáfora de Ernest Jones - a qual mantém pontos em comum com os de Hans Sachs e Otto Rank - e de Ella Sharpe.

O desembaraço na releitura de conceitos difíceis da teoria também se evidencia em *O fracasso de princípio do prazer*, obra na qual Safouan (1988) propõe revisões à metapsicologia freudiana tendo em vista a noção lacaniana da primazia do significante e seus efeitos na constituição do sujeito. Preconizando a ultrapassagem da repetição das explicações verbais e tendo em vista desenvolver mais amplamente os ditos correntes e comuns, isto é, a necessária subjetivação dos adágios transmitidos nos círculos psicanalíticos, Safouan conclui que a psicanálise pode ser considerada como a ciência daquilo que resulta do fracasso do princípio de prazer.

Assim, enquanto *Além do princípio de prazer* é o escrito em que Freud (1920/2020) dedica maiores esforços à questão e constitui a segunda virada do campo metapsicológico freudiano - a primeira sendo enunciada sucinta, embora claramente, por Freud, em *Formulações referentes aos dois princípios do funcionamento psíquico* (1911) -, o trabalho que Safouan (1988) oferece nessa obra retoma um seminário realizado na Escola Freudiana de Paris nos anos de 1975 e 1976 e se apresenta, conforme declara o psicanalista, como uma terceira virada metapsicológica baseada sobre as duas precedentes. Dentre cirúrgicas pontuações, Safouan chama atenção para um fato tão sutil quanto determinante: a primazia do *Fort* sobre o *Da* na brincadeira da criança observada por Freud.

O primeiro traço que nos impressiona na brincadeira observada por Freud é que para a criança ela não consistia em jogar ‘tudo’ que lhe caía na mão [...] para trazer de volta em seguida. Não era uma brincadeira de *Fort – Da*, mas de *Fort* somente. O menino jogava ao longe, num canto, sob a cama, etc., todo objeto que lhe caía na mão. O acaso fez com que entre esses brinquedos, dos quais ele não fazia nenhum uso, salvo o de *playing gone*, se encontrasse um carretel amarrado a um barbante, que lhe permitia puxá-lo de novo para si e depois fazê-lo desaparecer com muita destreza em seu berço. Trata-se, pois, de uma ‘modificação’ acidental da brincadeira, que a estrutura do brinquedo tornou possível; um pouco como uma escrita que sofre uma modificação importante com a mudança do material utilizado para escrever, sem que se possa por isso considerar essa modificação como constituindo o que há de essencial na escrita (Safouan, 1988, p. 84).

Com simplicidade na explicitação de articulações difíceis da teoria, em *Lacaniana I: os seminários de Jacques Lacan: 1953-1963* e *Lacaniana II: os seminários de Jacques Lacan: 1964-1979*, Safouan segue os desenvolvimentos conceituais de Lacan e expõe dificuldades encontradas na elaboração de conceitos para o próprio Lacan e para seus ouvintes nos seminários realizados no Hospital Sainte-Anne. A fim de contribuir para a superação dessas dificuldades, ele as esclarece, mostra como Lacan responde aos problemas colocados pela experiência freudiana e chama atenção para questões fundamentais, como determinadas fórmulas apresentadas por Lacan que acabaram sendo transformadas em verdadeiros comandos superegócios por parte da comunidade analítica:

Para dar um exemplo que interessa de perto a questão atual da regulamentação da psicanálise pelo Estado, sabemos como o princípio segundo o qual o analista só se autoriza por ele mesmo – que no fundo visava apenas proibir ao analista refugiar-se no semblante para fazer a economia de seu desejo – ressoou como uma injunção maníaca a dispensar qualquer reconhecimento (Safouan, 2006, p. 11).

Diante disso, as divergências políticas e teóricas que atravessam as sociedades psicanalíticas ao longo de sua história e, em geral, giram em torno da questão da formação dos analistas, constituem outro eixo fundamental das elaborações do psicanalista. Tais elaborações refletem o posicionamento crítico sustentado por ele ao longo de seu itinerário institucional.

### Transmissão

Em *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas* (1985), obra indispensável, Safouan parte de críticas severas elaboradas por Siegfried Bernfeld<sup>3</sup> (1892-1953) e Michael Balint<sup>4</sup> (1896-1970) à estrutura da formação dos analistas em vigor na Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Na mesma direção dessas críticas, aponta a ortodoxia e a atitude dogmática como sintomas da institucionalização da psicanálise desde seus primeiros tempos. Observando o descompasso que se apresentava entre os grupos de Viena e o de Berlim, Safouan destaca que, enquanto que em Viena, perto de Freud, se buscava oferecer ao novo movimento ocasiões para estudo e aplicação da psicanálise a todos os domínios da terapia e da educação, em Berlim predominava a tendência de isolar as sociedades psicanalíticas do movimento cultural geral e a intenção de tornar a psicanálise uma especialidade no seio da profissão médica.

A respeito disso, ele observa que o zelo para proteger a psicanálise da heterodoxia, em Berlim, por exemplo, acabou por causar muitos “equivocos” e, entre eles, “transformar em obrigação o que era do domínio da escolha” (Safouan, 1985, p. 21).

A história do movimento lacaniano, por sua vez, dará notícias de novas esperanças mas também de problemáticas não-tão-inéditas no que diz respeito à transmissão do discurso analítico e à constituição do campo psicanalítico francês. Safouan (2013/2023, p. 265) nota que a relação de Lacan com seus alunos ia se transformando na medida em que “ele ia tendo certeza de estar oferecendo um ensino sem igual e sem preço”. Por conta disso, em sua visão, ele passou a temer o mesmo que Freud, que se preocupava com frequência com a possibilidade de desaparecimento da psicanálise após sua morte. Nesse sentido, Lacan parecia considerar seus alunos como porta-vozes de sua obra, “até mesmo como seus apóstolos e profetas”, comenta Safouan (2013/2023, p. 265). Essa preocupação era agravada pelo fato de que a maior parte dos chamados “auditores de Lacan” trabalhava em hospitais ou em instituições universitárias e religiosas, de modo que tinha limitações quanto à disponibilidade para levar adiante seu ensino ou ainda para absorver aquilo que lhes era transmitido, visto que muitos só levavam do ensino lacaniano aquilo que particularmente necessitavam em sua prática.

O psicanalista egípcio cita o célebre seminário lacaniano de 1959-1960, *A ética da psicanálise*, situando-o como a primeira vez que se ouviu falar em um objeto que não estivesse no plano das representações e, todavia, a partir do qual se determina o sujeito desejante. A fala de Lacan marcou todos os ouvintes, especialmente Safouan, que, para certificar-se de que havia compreendido o que havia sido transmitido, redigiu uma versão escrita do seminário, que foi muito bem recebida e elogiada por Serge Leclair (1924-1994) e Pierre Kaufmann (1916-1995), além do próprio Lacan.

Conhecedor de todas as cisões do movimento lacaniano, quando a Escola Freudiana de Paris (EFP) é fundada, em junho de 1964, Safouan se torna um colaborador de Lacan no júri do passe (1967), e assim permanece até a dissolução da Escola em 1980. Não obstante, não se furta a estabelecer críticas rigorosas a respeito do dispositivo criado por Lacan, e compartilha reflexões precisas a respeito da passagem ao lugar de analista, tendo em vista o destino pulsional do sujeito na experiência do fim da análise:

Há numa análise a produção de uma modificação da economia libidinal, que pode se manifestar no nível das relações sociais, das relações com o outro sexo. Se a análise é um processo que não tem um fim, mas uma finalidade, é porque ela permite a transformação da pulsão. É assim que aparece, com essa sublimação, um novo posicionamento subjetivo: nova relação com a cultura,

nova relação com o trabalho, que se torna mais eficaz, nova relação na qual o analisando cessa de ser um objeto regressivo para os pais ou cessa, se for pai, de ter com o filho uma relação regressiva. Em relação a esse destino da pulsão, a experiência do passe tinha vários aspectos: primeiramente, tratava-se de saber algo sobre o aparecimento do desejo que pudesse incitar um analisando a querer se tornar analista. Essa possibilidade de um ensino, vindo de um tornando-se-analista, tinha como consequência um certo questionamento do estatuto dos analistas titulares que, segundo a antiga moda, tinham um lugar definido pela antiguidade, pela cara que tinham, pela quantidade de ar que deslocavam (Didier-Weill & Safouan, 2007/2009, p. 96).

Afirma-se, assim, mais uma vez, o posicionamento ético a respeito do qual também temos notícias na epígrafe de um de seus livros: “O leitor deve admitir que o fato de se tratar de uma retomada não retira a nossa responsabilidade, mas a situa” (Safouan, 1968/1970, p. 9). Diligente e constante, o psicanalista mantém a seriedade em sua implicação com a transmissão do discurso analítico quando, após a dissolução da EFP, será um dos fundadores da *Convention Psychanalytique* em 1983 e, depois, da *Fondation Européenne Pour la Psychanalyse*.

Safouan (2013/2023) lembra que Freud havia recorrido à institucionalização da psicanálise como uma tentativa de garantir que, após sua morte, sua obra permaneceria. Lacan, por sua vez, estabeleceu um retorno a Freud - que Safouan denomina como “um ato urgente” (p. 268) -, a despeito da prática que se disseminava à época, denominada *ego psychology* (corrente influenciada por Anna Freud). Assim, se dedicou a pensar a própria estrutura da formação dos analistas e, entre conflitos e disrupções institucionais e políticas, funda a Escola Francesa de Psicanálise, que logo se tornou a Escola Freudiana de Paris.

Safouan (2013/2023) comenta que, nesse período, pouco se importava com questões referentes à institucionalização da psicanálise, mas seguia sustentando seu interesse pelo ensino de Lacan. Quanto a isso, considera quão importante deve ser debruçar-se sobre a relação mestre-aluno (*maître-élève*) e destaca que há muitos críticos que identificam nessa relação uma espécie de “seguidismo”, no sentido de que o aluno poria o mestre em um lugar de idolatria, sacrificando, com isso, sua própria originalidade. No entanto, Safouan recorre à sua língua materna para apontar que, em árabe, o discípulo é nomeado como *al-mourid*, cuja tradução equivaleria a “desejante” ou “querente” em português. Com base nisso, ele conclui que “[...] se tem alguém que só se autoriza de si mesmo, esse alguém é o aluno quando escolhe um mestre. O reconhecimento do mestre só pode ser um efeito de retorno [...] que nada tem de pequeno, reside em autenticar a opção do aluno” (p. 271).

A respeito da paixão irreprimível por poder e dominação que muitos diziam observar em Lacan, Safouan é crítico e considera que a paixão de Lacan era o devotamento à causa freudiana. Suas próprias palavras justificam: “todos os que conseguiram fazer algo de durável, fosse no âmbito da arte ou da ciência, e até na arte militar ou política, eram sempre pessoas para quem a existência identificava-se com um projeto. Para Lacan, era esse seu projeto”, afirma Safouan (2007/2009, p. 87).

Laborioso, desejante e, sobretudo, perseverante. Estamos diante de uma longa e fecunda jornada dedicada à clínica, ao ensino e à transmissão da psicanálise. Uma jornada marcada pela letra de Freud e pelo ensino e transmissão de Lacan. Através de sua obra e suas contribuições - aportes que permanecerão - testemunhamos sua existência, seu projeto, Moustapha Safouan.

### Principais Obras Publicadas

Os títulos das obras e dos trabalhos serão citados a seguir segundo suas respectivas edições brasileiras. Com o objetivo de evidenciar o avanço do pensamento de Safouan, a ordem de apresentação das obras segue a cronologia de suas publicações originais, cujo ano é apresentado entre parênteses ao final de cada título (caso o ano de publicação da versão original seja diferente do ano de publicação da edição brasileira).

## Livros Escritos

- *Estudos sobre Édipo; Introdução a uma teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Original publicado em 1974);
- *Sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. (Original publicado em, 1976);
- *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas: Papyrus, 1988. (Original publicado em 1979);
- *O Inconsciente e seu escriba*. Campinas: Papyrus, 1987. (Original publicado em 1982);
- *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (Original publicado em 1983);
- *A transferência e o desejo do analista*. Campinas: Papyrus, 1991. (Original publicado em 1988);
- *A palavra ou a morte : como é possível uma sociedade humana?* Campinas: Papyrus, 1993.
- *Lacaniana I: Os seminários de Jacques Lacan 1953-1963*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2006. (Original publicado em 2001).
- *Dix conférences de psychanalyse*. Paris, Fayard, 2001. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Lacaniana, tome 2: Les séminaires de Jacques Lacan (1964-1979)*. Paris: Fayard, 2005. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Pourquoi le monde arabe n'est pas libre: Politique de l'écriture et terrorisme religieux*. Paris, Denoël, 2008. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Le langage ordinaire et la différence sexuelle*. Paris: Odile Jacob, 2009. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Four lessons of Psychoanalysis*. New York: Other Press, 2013. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Psicanálise: ciência, terapia - e causa*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023. (Original publicado em 2013);
- *Questions psychanalytiques*. Paris: Hermann, 2015, em coautoria com Christian Hoffmann. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Regard sur la civilisation oedipienne: Désir et finitude*. Paris: Hermann, 2015. (Não há versão brasileira desta obra);
- *O desejo nas mutações familiares e sociais*. Tradução de Leda Fischer Bernardino. Instituto Langage, 2016.
- *Le puits de la vérité: La psychanalyse et la science*. Paris: Hermann, 2017. (Não há versão brasileira desta obra);
- *La Civilisation Post-oedipienne*. Paris, Hermann, 2018. (Não há versão brasileira desta obra).
- *De la dualité à la division*. Paris: Hermann, 2019. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Inconscient à demi-mot (L'): Entretiens et autres textes*, em coautoria com Sylvain Frérot. Paris: Editions des Crépuscules, 2020. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Reflexiones sobre el psicodrama analítico*. Buenos Aires: Argonauta, 2021.<sup>5</sup>

## Livros Organizados

- *O Mal-estar Na Psicanalise: o terceiro na instituição e a análise de controle*. Campinas: Papirus, 1996, em coautoria com Philippe Julien e Christian Hoffmann. (Original publicado em 1995);
- *The Seminar of Moustapha Safouan*. New York: Other Press, 2001, direção de Moustapha Safouan, Anne Shane e Janet Thormann. (Não há versão brasileira desta obra);
- *Trabalhando com Lacan. Na análise, na supervisão, nos seminários*. Paris: Aubier, 2007, organizado em coautoria com Alain Didier-Weill.
- *Chemins traversiers*. Paris: Editions des Crépuscules, 2014, em coautoria com Jean Clavreul e Michèle Montrelay (prefácio de Jacques Sédot). (Não há versão brasileira desta obra);
- *La pratique de Lacan*. Collection Nouages. Paris: Éditions Stulus, 2020, organizado em coautoria com Jean-Jacques Moscovitz, Marc Nacht, Gérard Pommier, Erik Porge, Christian Simatos, Annie Staricky, Patrick Valas e Jean-Pierre Winter. (Não há versão brasileira desta obra).

### Traduções Para o Idioma Árabe

- Sigmund Freud, *The Interpretation of Dreams (Tafsir al-Ahlam)*, edições Dar Al-Maaref, Cairo, 1959;
- Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Fenomenologia do Espírito (Ilm zuhūr al-‘aql. Al-Muğallad)*, edições Dār al-ṭalī‘ ā li-l-ṭibā‘ ā wa-al-našr, Beirute, 1981;
- Étienne de La Boétie, *Discourse on Voluntary Servitude (Al-U'boudyya al-Mokhtara)*, edições Dar Al-Ahali, Cairo, 1990;
- William Shakespeare, *Othello (Masrahiyat 'Utayl)*, edições Anglo-American Bookstore, Cairo, 1998.

### Referências:

Didier-Weill, A., Weiss, E., & Gravas, F. (2007). *Quartier Lacan: testemunhos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Original publicado em 2001).

Didier-Weill, A., & Safouan, M. (Orgs.). (2009). *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 2007).

Freud, S. (2020). Além do princípio de prazer. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1920).

Jorge, M. A. C. (2020). Obituário. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23 (4), 838-840, 2020. doi: [10.1590/1415-4714.2020v23n4p838.9](https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n4p838.9).

Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. (Original publicado em 1973).

Roudinesco, E. (2020). Le psychanalyste Moustapha Safouan est mort [Obituário]. *Le Monde*, 09 de novembro de 2020. Acesso em 25 de janeiro de 2021, de [https://www.lemonde.fr/disparitions/article/2020/11/09/le-psychanalyste-moustapha-safouan-estmort\\_6059104\\_3382.html](https://www.lemonde.fr/disparitions/article/2020/11/09/le-psychanalyste-moustapha-safouan-estmort_6059104_3382.html)

Safouan, M. (1970). *Estruturalismo e psicanálise*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda. (Original publicado em 1968).

Safouan, M. (1985). *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Safouan, M. (1987). *O inconsciente e seu escriba*. Campinas: Papirus. (Original publicado em 1982).

Safouan, M. (1988). *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas: Papirus. (Original publicado em 1979).

Safouan, M. (1993). *A palavra ou a morte: como é possível uma sociedade humana?* Campinas: Papirus.

Safouan, M. (2006). *Lacanianana I: os seminários de Jacques Lacan: 1953-1963*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Safouan, M. (2009). Sobre a distinção lacanianana entre a psicanálise terapêutica e a psicanálise didática. In Didier-Weill, A., & Safouan, M. (Orgs.). *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 2007).

Safouan, M. (2023). *A psicanálise: ciência, terapia - e causa*. Rio de Janeiro: 7Letras. (Original publicado em 2013).

Safouan, M., & Khoury, G. D. (2008). Pourquoi le monde arabe n'est pas libre? *La pensée de midi*, 4(26), 36-53. Acesso em 21 de janeiro de 2021, de <https://www.cairn.info/revue-la-pensee-de-midi-2008-4-page-36.html>

## Notas:

<sup>1</sup> Lacan, J. (1984). *Les complexes familiaux*. Paris: Navarin. (Original publicado em 1938).

<sup>2</sup> Ver Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar.

<sup>3</sup> Ver Bernfeld, S. (1962). "On psychoanalytic training". In *The Psychoanalytic Quarterly Inc*. New York. (pp. 453-482). (Original publicado em 1952).

<sup>4</sup> Ver Balint, M. (1972). "A propos du système de formation psychanalytique". In *Amour primaire et technique psychanalytique*. Paris: Payot. (pp. 285-308). (Original publicado em 1947).

<sup>5</sup> Embora tenha sido publicado em espanhol como livro pela editora Argonauta, em Buenos Aires, trata-se de um artigo publicado por Safouan em francês, em 1963, na revista *Bulletin de psychologie*.

**Citação/Citation:** Nunes, M. R.; Pereira, A. T. *Moustapha Safouan: breve ensaio biográfico*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 48-58.

**Recebido em: 16/07/2025**

**Aprovado em: 12/09/2025**